

DE UM DIÁRIO VELHO, p r e a m b u l a r d e o u t r o

por JOÃO FALCO

Um, dois, três, quatro toques seguidos à porta, a esta vibrantíssima campainha. E não é o correio, o malfadado correio que toda a minha vida tenho esperado com uma agitação que não fraqueja, disparatada. Foi uma velha, com uma feiíssima cara de pevide, amarela e comprida, cravada de fendas, e que me pedia esmola pelo S.mo Sacramento...

Quantos gestos de impaciência tenho sempre tido! Este S.mo Sacramento dos pedintes!

//

Levo a vida, o tempo...

Na boca—parece-me que a sentia na boca—se me formou esta frase. Frase que adiantava uma ideia de frouxo contôrno. Levantei-me, fui buscar tinta, volto com a frase e sem memória do pensamento...

//

Na verdade eu gostava de retêr e fixar as miúdas impressões de que momento a momento por mim passavam. Mas é impossível! Dificilmente a plástica da linguagem as distinguiria, as diferenciaria; e nem o espírito, propriamente, que se fatiga com a busca das expressões, por mais despreziosas que sejam!

//

A Mã admirou-se de que todos aqueles homens e mulheres não fiquissem que admirassem, mas que admirassem, realmente, o ridículo aparato que os rodeava e as baboseiras que ouviam. Pate-ta! Todos eles são indiferentes e desmoralizados, mais nada. Não admiram nada, nem pensam, assistem e aplaudem...

A Mã anda preocupada. Achei graça a andar com ela por aquelas ruas muito estreitas e escuras. Lembrava-me fugidamente de não sei que romances e de que outros países... Das telhas, de um lado e outro, caíam pingos rápidos, duros, da chuva que já tinha passado, e que mal deixavam caminho para seguirmos. Em que eras e em que burgos se devia situar condignamente tudo isto? Esta cidade não tem quasi passado, e enfim, nenhuma beleza, mas é assim... A noite, já em Lisboa, despedimo-nos, mas a Mã ainda me quiz acompanhar a casa. 'Comeu comigo; não queria, mas eu obriguei-a. Há sempre certo temor e certa reserva no seu espírito, mas ao mesmo tempo decisão. Mal ela sabe o que pode, do que seria capaz... Admira-se de que eu a conheça tão bem, de que lhe surpreenda o íntimo e lho intente explicar. Quando saiu sentia-lhe o agradecimento, o rendimento, a submissão... No entanto, mesmo compassiva e terna, como lhe pareço, não deixo de ser limitada, insuficientemente expansiva.

Com um homem seria assim? A intimidade sensual, sem reservas, tornar-me-ia sinceramente franca, abandonada? Mais um problema psíquico!

//

Que triste exposição! A quem envaidecerá ela? Aqueles contra-

feitos desenhos de crianças... Os pontos escritos moralões... Tanta grosseria e tanta falsidade! E vem aquilo de longe...

E o cheiro de museu? As ridículas vitrines envidraçadas, as coisas orientais velhas, sem carácter... Só os nomes das terras da origem da exposição, conservavam fatalmente a sua graça. Acabados em lim: **Concolim, Serulim**, etc. Não me falavam de povos, de história, nem de ética, apenas de lugares, e quasi irreais. Davam-me a impressão delicada de distância.

Mas o gôsto, a mania estúpida de conservar e de amontoar aquelas coisas desanimadas: sêdas e oiros meio pôdres, caixas de talha, maquettes de estátuas declamativas... Tudo deslocado, irrisório, morto. Enfim, havia as palavras, os nomes das terras, graciosos e impositivos. Estranhas terras, cujos nomes abusam assim dos sons metálicos, agudos!

//

Terça-feira de Entrudo.

O sol é uma coisa bonita! Cento de vezes o digo. O sol introduz a calma e o silêncio nas casas. E uma presença suave, longinqua e próxima.

Ai! Mas agora estas musicatas... Bulha inofensiva! Volta o silêncio, a indiferença, a calma à casa. Ontem a I. chegou à noite e disse: que paz! Sim, silêncio.

E eu a olhar fixamente para aquele boneco estúpido, sem pensamentos...

Realmente, o movimento do sol é de abrir e fechar. Abriu! (claridade). Fechou! (sombra). Coisa que se furta, que se fecha—Há nvens. Abriu de novo. Vejo a longa sombra do lápis no papel, pegada ao que escrevo. Lá fechou. Coisa estranha, a luz, E o som. Música, na casa das visinhas.

Abriu! A sombra fina, que engrossa, do lápis...

E lá está a zebra, o estúpido boneco! Eu com os olhos nela...

E a figura medida, rigorosa da-quele Hans? Mau romance? Dizem que não. Mas a mim parece-me céptico e superficial, fatigantemente objectivo, com figurinhas de caixa.

Redondo sol! Com um halo. Favor, favor, ali sempre à minha direita...

Antes estar nisto que a fazer conferências. Porque as não sei fazer. Ridículas, ignóbeis, imorais, absurdas, as dos outros. Mas eu não tomo a pele de feirante como eles. Mercenários!

Será sério este querer prender, este querer segurar das impressões? Penso às vezes que só o que pede esforço é que contenta. Mas é uma fantasia moral, simplesmente. Pede esforço a perseguição de razões e de causas, a sua caça... Mas prender e definir a impressão, a sensação, o pensamento, não deixa de ser também um acto espiritual, e de pedir certo esforço. Esforço mais leve e mais inconstante, que o outro de definição racional, mais souple... E que sempre me tentou.

Que expurgar da impressão, no entanto? Como deixá-la pura e nítida? Justificar, surpreender sempre o momento, isolando-o de

outros? O momento, quer passado, quer presente?

Que sons! Banais? Mas sons, e sol. Inhumanas, belas coisas.

Ante-ontem pensei, na cama, que devia ser bonito um livro de parágrafos muito curtos, muito mais soltos ainda, e livres, do que versos.

Estes pombos que passam e dão umas sombras corridas. Vê-se a sombra de um lado e o vulto informe do outro. Na porta do quarto e na parede onde dá o sol, a sombra; para lá dos vidros, o vulto. É curiosa esta simultaneidade, e o movimento, sobretudo. São geralmente passivas as sombras, não estas. Parecem vivas...

Mas o livro de parágrafos curtos havia de encerrar um programa de linguagem e de forma livre de pensamento. O pensamento franco, nem apertado nem distendido, tomado em qualquer altura. De outras vezes, julgo que o que nos dá prazer é levarmos o pensamento à rédea, muito sujeito, muito vigiado...

Ai! Estes sons estrudescos... Dou com a mão no ar, a compas so. Mas não são feios, não me desagradam estes sons. Diminuem. Já passaram. Levar o pensamento à rédea, sim, forçá-lo! E dominar também a lingua, não a deixar fraquejar, desabular-se. Técnica, tudo. Mas eu queria...

Maldita zebra! Atrai-me, prende-me os olhos.

Que significa o que aquelas duas raparigas me disseram há bocado? Eu ouvia-as, pensando: que significará, verdadeiramente?... Sabem criticar os outros! Não são felizes, coitadas, não têm mimos... Querem por força que eu não envelheça (subtilmente o noto), têm graça... E aquele dito sobre o tio? Esperou-nos uma hora e não disse nada... O tio mito. Foi gentil a observação: soube esperar.

Mas na obra literária, caracteristicamente pessoal (nem histórica nem crítica, por exemplo) não se dispensa o exagêro realístico, analítico, a paixão da veracidade?

Tanta coisa nos repugna analisar e precisar. Anda-se-lhe quasi feticivamente à roda... A introspecção obcecante sufoca também o prazer de notar, sobrepõe-se ao próprio facto ou sentimento, diminui-os, gasta-os, excluiu-os, até. Não sei, não sei como escrever. De qualquer modo se pensa, mas escrever... é utilizar certa e exclusiva forma de pensar. Há muita técnica e muita estratégia no escrever.

I. criticou o que há pouco publiquei, dizendo-me... (maldita zebra! ou meus necessários descansos?) que eu entremeava o objectivo com o subjectivo o interno com o externo, a paisagem com as preocupações. I. é sempre compreensiva. Mas as observações dela querem dizer que eu sou natural, ou prolixa?

Para escrever naturalmente, com simplicidade e com fluência, eu não deveria relaxar um pouco mais a rédea da linguagem? Desinteressar-me do tom, da forma literária, da sua regularidade? Ora pretendo isto, ora o contrário... Há ocasiões em que julgo que o verdadeiro desartificio da lingua, a sua espontaneidade, serviriam bem a limpidez do pensamento.

Porque a lingua afectada, escrupulosa, pesa muito sobre o pensamento e chega a deformá-lo.

O meu desartificio não se pretende, apesar de tudo, confundir com a correcção e fina lógica da lingua francesa escrita. Lingua excessivamente lavada e branqueada, dialéctica e fria.

A zebra... Até parece triste, a estúpida, de boca no chão. Basta! Que gritaria! Mais música, rapaziada. Este bater dos dedos nas cordas, mesmo sinal de pancadinhos. E de passos. Coisas românticas, não se sabe porquê. Lá vão... uma linha de homens a andar. Desapareceram primeiro que os sons.

//

Creio que foi também num Entrudo, já não me lembro bem, que a Poli na minha cama com modo triste e de criança, combalido, dizia que tinha vontade de ir atrás dos sons, de ir atrás dos furtivos tocadores. Era de noite. Ir com os sons, como nós queremos, tantas vezes, é ser jovem, muito jovem, muito fantasista; enganar-nos...

Coitadita da Poli. Não me ficou a estimar. Quando se despediu de mim disse-me que me achava diferente desta gente... mas não sei se era verdade. Esta gente dissimulada, no seu entender.

//

E como ela achava bonita a característica vista das suas jalias, lá porque se descobriam árvores? Extremamente cerebral, voluntarista, social e livresca... Pobre rapariga! Uma voz, uma suavidade de modos e uma firmeza, uma violência, uma rigidez moral, tão mantidas! Gostava de a tornar a ver. De ser para ela muito mais generosa do que fui. Mas tudo em mim era desordem, naquele tempo.

//

Tão variadas coisas se albergam numa hora, num momento, numa cabeça... Problemas, impressões; a monotonia e a diversidade.

Vou andando e vendo andar... A impressão de tempo acomete-me frequentemente: o presente, sentir-me numa era. Desço hoje esta rua, mas há três anos que a desço diariamente. Sinto-me nela neste momento e nos próximos que passaram, mas todos eles se vêm fundir neste...

Rapariguinhas magras, feias, com os namorados estudantes; é a hora da entrada nos liceus e nas escolas industriais. Passo pela loja do meu sapateiro remendão. Simpático homem. Sapatos de menina? pergunta-me êle recebendo o embrulho que lhe trago. Sorrio. É que o embrulho vinha tão bem feito! Acrescenta. Seria naturalidade ou amabilidade? Este homem é novo e já é calvo, sem ser intelectual... É tão afável! O seu bom modo, a sua mansidão, foi o meu bom dia de hoje.

No carro distraio-me com os mil pequenos quadros citadinos, comuníssimos, que nos entretêm sem maior interesse. Esta rua... e em mente faço um gesto de mão para a definir, traço-a, sigo-a. Estes dois homens... Estão dentro de uma loja, vejo-os passando

(Continua na página imediata)